


## Resenha de *Agnotología, Sociología de la Ignorancia, Ignorancia de la Sociología*, de Augustin Galán Machío

### Review of *Agnotología, Sociología de la Ignorancia, Ignorancia de la Sociología*, by Augustin Galán Machío

\*Lidiane Fatima Grützmann<sup>1</sup> 

#### Resumo

O objetivo deste texto é apresentar a obra *Agnotología, Sociología de la ignorancia, ignorancia de la Sociología*, escrita pelo jornalista e cientista político espanhol Agustín Galán Machío. A obra atende a um crescente interesse pela agnotologia, isto é, pela recente teoria social da ignorância. Esta área defende que a ignorância é mais do que mero reflexo das limitações humanas, ela possui papel produtivo na tomada, manutenção e expansão do poder político, econômico e organizacional. Por isso, defende-se que a ignorância é criada voluntária e/ou involuntariamente e sustentada socialmente. Toda e qualquer análise sobre as relações de poder na contemporaneidade precisa levar em consideração o modo como compreendemos a ignorância, e a obra de Galán Machío é um excelente fio condutor para essas reflexões.

**Palavras-chave:** Agnotologia; Sociologia; Política.

#### Abstract

The aim of this text is to present the work *Agnotología, Sociología de la ignorancia, ignorancia de la Sociología*, written by the Spanish journalist and political scientist Agustín Galán Machío. The work responds to a growing interest in agnotology, the recent social theory of ignorance. This area argues that ignorance is more than a simple reflection of human limitations; it has a productive role in the acquisition, maintenance and expansion of political, economic and organizational power. Therefore, it is argued that ignorance is voluntarily and/or involuntarily created and socially sustained. Any analysis of power relations in contemporary times needs to take into account how we understand ignorance, and the work of Galán Machío is an excellent conductor for these reflections.

**Keywords:** Agnotology; Sociology; Politics.

Agustín Galán Machío é um jornalista e cientista político espanhol que trabalhou como assessor de imprensa nas Embaixadas da Espanha no México, Moscou, Nova York, entre outros países. Sua vivência e experiência internacional associadas às suas investigações teóricas no campo da sociologia e no novo campo da agnotologia

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, Faculdade Educação, Departamento de Filosofia da Educação e Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação (PPG/FEUSP, São Paulo, SP, Brasil). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1775-1778>.

contribuíram para formar sua percepção de que os campos de ignorância crescem em escala global na mesma medida e intensidade que os ditos campos de conhecimento. Leitor atento tanto de Robert Proctor e Michael Smithson quanto dos clássicos Ortega y Gasset e Bell, Galán Machío defendeu uma tese no departamento de sociologia aplicada da faculdade de ciências políticas e sociologia da Universidade Complutense de Madrid, em 2019, intitulada *La modernidad ignorante. Sociología de la ignorancia, ignorancia de la sociología*. Como produto de sua defesa, Galán Machío produziu dois livros: *La Modernidad ignorante*, em que analisa a ignorância a partir das sociedades globalizadas e *Agnotología, Sociología de la ignorancia, ignorancia de la Sociología*, no qual revisa os fundamentos sociológicos da ignorância e as possibilidades de produção social, que são o foco desta resenha.

Comumente tratada como ausência de conhecimento, a ignorância chegou a ser um tema considerado de forma mais ou menos direta por pensadores em diversas áreas do conhecimento. No entanto, Galán Machío propõe uma abordagem da ignorância que supera a noção do desconhecimento das concepções metafísicas como o universo ou a essência da natureza e os limites da capacidade do conhecimento humano. Na introdução de sua obra, ele situa a ignorância no campo do não saber do **ser social**, isto é, no conjunto do que não se sabe sobre o seu e os outros contextos sociais, contextos políticos, econômicos, culturais, religiosos ou organizacionais. E se pode dizer, desde logo, que o sucesso de Galán Machío nessa empreitada não é pequeno.

O primeiro capítulo é dedicado à diferenciação dos termos incerteza e ignorância, como uma primeira forma de situar o leitor no campo semântico que é utilizado ao longo desta obra. Nesse sentido, o autor retoma constantemente a obra de Michael Smithson *Ignorância e incerteza: paradigmas emergentes*, publicada em 1989, para justificar essa diferenciação. Ele situa a incerteza como um campo de não saber voltado ao futuro, aproximando-a do campo da probabilidade, da imprevisibilidade e da insegurança, diferenciando-se, assim, da ignorância.

Galán Machío apresenta a agnotologia como uma perspectiva da sociologia do conhecimento no segundo capítulo de sua obra. Esse saber, inaugurado por autores como Michael Smithson e Robert Proctor, parte do pressuposto de que a ignorância, assim como o conhecimento, é resultado de uma construção e de uma negociação social. Esse saber, então, infere que a ignorância foi (e ainda é) utilizada sistematicamente como estratégia de manipulação social. A agnotologia, ou sociologia da ignorância, consiste, portanto, em uma nova perspectiva da sociologia que estuda como a ignorância é produzida socialmente, investiga quem são os agentes produtores, quais os impactos e efeitos sociais desta imposição no consumo, na política e na educação e, ainda, como os sujeitos convivem e utilizam a própria ignorância e como deveriam lidar com ela.

Da mesma forma que a produção do conhecimento (epistemologia) é objeto de estudo de uma multiplicidade de áreas, a agnotologia é um saber multidisciplinar que está radicado na sociologia, na medida em que consiste em análise social. Nesse contexto, o autor resgata Ortega y Gasset quando este afirma que a ignorância e a incerteza consistem nos principais problemas de nosso tempo e infere que a agnotologia é um novo paradigma para as ciências sociais.

A originalidade da obra de Galán Machío se registra pela elaboração de uma metodologia de estudo e um instrumento de análise dos sujeitos e objetos da ignorância. Inspirado na taxonomia de Smithson e na semiótica de Pierce, o autor apresenta, no terceiro capítulo de sua obra, o que ele chama de *triângulo da ignorância*. A função deste *triângulo* seria combinar determinados campos com os diferentes sujeitos envolvidos, passivos ou ativos no processo de produção de ignorância. Os sujeitos são o **ignorante**, o

**observador** e o **produtor**, e todos eles encontram-se envolvidos e imiscuídos na produção social da ignorância. O ignorante (que também pode ser um meta-ignorante por ignorar que ignora) pode também ser produtor/reprodutor da ignorância de modo consciente ou inconsciente. O observador pode até ignorar o conjunto de informações em jogo, porém nunca ignora o campo de ignorância, de forma que ele pode ser ainda um ignorante, mas jamais será um meta-ignorante. Já um produtor de ignorância pode agir de modo consciente ou inconsciente, pode ele mesmo ser um ignorante ou, então, agir de forma meticulosa disseminando inverdades ou ocultando deliberadamente informações relativas ao campo de ignorância.

Após a exposição do triângulo da ignorância, o autor propõe-nos uma jornada por uma taxonomia dos tipos de ignorância orientada pelos seguintes critérios:

- a) A quantidade de sujeitos ignorantes: ignorância pluralista, burocrática e coletiva.
- b) A consciência que os sujeitos possuem da própria ignorância: consciente, meta-ignorância, intra-ignorância, ignorância seletiva, ativa ou racional, passiva.
- c) A classe ou modalidade da ignorância: fatural ou informativa, epistemológica, de habilidade ou destrezas e experiencial.
- d) As atitudes dos sujeitos na produção e manutenção da ignorância: ignorância voluntária e involuntária, ignorância deliberada e inadvertida.
- e) A definição ou indefinição do campo da ignorância: ignorância absoluta, indiciária, difusa, ambígua, irreduzível e provisional.
- f) As consequências sociais dos campos de ignorância: inócua, com efeitos, prejudicial e vantajosa.

No sentido de oferecer ao leitor uma aproximação com seu método, o autor faz a apresentação detalhada de um modelo que pode servir de base para estudos de caso. Ele entende que, por meio de entrevistas, pesquisas de campo e grupos de discussão, seria possível levantar hipóteses sobre a agnogênese, isto é, sobre a criação de ignorância(s) em um determinado contexto com respectivo mapeamento dos principais agentes dessa criação, bem como seus interesses e objetivos. Além disso, essa agnogênese pode contribuir com análises incitadas em outras áreas do saber.

Um agnotólogo deveria, assim, primeiramente, preocupar-se em delimitar os campos escuros do seu objeto contextual de investigação, mapear o não-dito, as ausências de informação, as omissões, da mesma forma que deve observar os pacientes da (ou os vitimados pela) ignorância, os produtores, suas motivações e causas, da mesma forma que deve buscar entender as consequências sociais. O autor alerta ainda para as principais dificuldades que o agnotólogo irá encontrar: a aceleração das modificações sociais, a crescente de individuação que se contrapõe à noção de sociedade, além do manejo com a hiper proliferação de informações sem controle, marca das sociedades globalizadas.

À guisa de exemplo, o cientista político analisa, no quarto capítulo da obra, a gestão da ignorância no chamado *Tratado de Livre Comércio entre a União Europeia e os Estados Unidos*, que tinha por objetivo reforçar a associação transatlântica, bem como a redução das tarifas alfandegárias. Porém, o tratado foi amplamente desaprovado pela sociedade civil europeia. Um abaixo-assinado reuniu mais de três milhões de assinaturas contra o acordo e centenas de milhares de manifestantes ganharam as ruas. O autor explica que havia uma gama de informações muito desconstruídas baseadas em parâmetros meramente especulativos: algumas pesquisas demonstravam que o Tratado aumentaria o PIB europeu em 0,5%, enquanto o americano cresceria até 15%. Alguns estudos defendiam que a Europa ganharia 2 milhões de empregos, e outros estudos

alertavam uma perda de 1,3 milhão de empregos. Naquele momento não era possível distinguir quais informações eram confiáveis e quais não.

Conforme a proposta de Machío, o campo da ignorância estava delimitado: tratava-se do texto do acordo internacional e suas muitas interpretações. Havia muita insegurança e muita desinformação sobre o modo como o tratado afetaria a segurança alimentar, a saúde animal e vegetal, o acesso a medicamentos, a privacidade das redes de comunicação, entre outros pontos. É muito improvável que todos os cidadãos europeus e americanos estivessem conscientes do teor deste texto (não sabiam), da mesma forma que é possível imaginar que outro grupo sequer sabia da existência do tratado (não sabiam que não sabiam). Deste modo, o ignorante, o observador e o produtor encontram-se envolvidos e imiscuídos na produção social da ignorância.

Os capítulos finais da obra, intitulados *La Epistemología de la ignorancia* e *Ignorancias de la Sociología* são dedicados ao surgimento da nova Sociologia da ignorância e os contextos que deram origem ao surgimento desta disciplina. Neles, o autor argumenta sobre a relevância do estudo multidisciplinar de temas como opacidade e a transparência de dados, o esquecimento, os segredos (segredo de Estado), e, em geral, da própria produção da ignorância como uma construção social. Analisa ainda o fenômeno da *infoxicação* – o crescimento exponencial da informação armazenada socialmente e o desconhecimento sobre ela.

Numa tentativa de apontar como o fator *ignorância* permeia o conjunto da teoria sociológica atual, o autor realiza uma análise comparativa de algumas perspectivas sociológicas relacionadas ao tema, a saber; os *sistemas especialistas* e *sistemas abstratos* em Giddens, a instabilidade dos relacionamentos sem Bauman e o aparecimento da *sociedade de risco* de Ulrich Beck, além de problematizar as ignorâncias próprias da sociologia.

O leitor encontrará na obra de Galán Machío, *Agnotología, Sociología de la ignorancia, ignorancia de la Sociología*, um aprofundamento rigoroso de uma perspectiva teórica que se acrescenta ao campo da agnotologia e da sociologia da ignorância. É possível inferir, após a leitura e análise da obra, que algumas ignorâncias superam a mera limitação humana. Elas podem ser criadas involuntária ou voluntariamente e mantidas estrategicamente por determinadas estruturas sociais. A agnotologia, enquanto campo legítimo de investigação acerca da ignorância, pode ser entendida como instrumento de fortalecimento dos processos democráticos fragilizados pela disseminação de inverdades e desinformação.

## Referências

GALÁN MACHÍO, Augustin. *Agnotología: sociología de la ignorancia, ignorancia de la sociología* (El Ser y la ignorancia). 2020. E-Book Kindle.

GROSS, M.; McGoey, L. *Routledge International Handbook of Ignorance Studies*. London: Routledge, 2015. E-book Kindle.

PROCTOR, R. *Agnotology: the making and unmaking of ignorance*. Stanford, California: Stanford University Press, 2008.

SMITHSON, Michael. *Ignorance and uncertainty: emerging paradigms*. New York: Springer Verlag, 1989.

\*Minicurriculo da Autora:

**Lidiane Fatima Grützmänn.** Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2008). Doutoranda junto ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: lidigrutzmann@gmail.com.